



Comunicação Oral

A DANÇA NA EDUCAÇÃO

Maristela SANCHEZ LOUREIRO (UEMS – Campo Grande)¹

Gabriela SALVADOR (UEMS – Campo Grande)

RESUMO: Desde 1997, a dança passou a fazer parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) passando assim a ter notório reconhecimento em âmbito nacional. Porém, percebemos que no ambiente escolar essa arte é utilizada somente em datas comemorativas. A dança e os estudos sobre o movimento na pós-modernidade trouxeram possibilidades de que as práticas de dança em sala de aula se tornassem processos educativos, uma dança para todos, capaz de explorar de forma consciente o movimento no espaço e de trabalhar a personalidade do aluno. Faremos um breve histórico da dança moderna e uma reflexão sobre a importância da dança como prática fundamental na educação, aprimorando a formação integral da criança em processo de educação formal. Isabel Marques (2007) afirma que o ensino da dança na escola vai além de reproduzir ou coreografar, é necessário assumir uma postura crítica em relação ao ensino da dança, perpassando por conteúdos amplos e complexos. Ainda existem ideias preconceituosas em relação a dança, que estão presentes nas atitudes e comportamentos da nossa sociedade o que dificulta o seu ensino dentro da escola. Percebendo que ainda vivemos uma dicotomia de corpo e alma, intelecto e movimento no ambiente escolar e na sociedade em geral, sendo geralmente o corpo e o movimento desprezados, a dança é vulgarmente relegada ao segundo plano.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Educação. Escola.

Dificuldades e vantagens da dança na educação

A educação moderna vem demandando por um espaço para a valorização da dança no ambiente escolar, pois, percebemos que o seu ensino ainda não possui um caráter contínuo e sistematizado, sendo ela impregnada de toda a trajetória da sociedade, representou através do tempo, as inquietações dos povos, a espiritualidade e a ludicidade, mas, no ambiente escolar ainda não se utiliza de todo

¹ maridanca@hotmail.com Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - MS.



o poder pedagógico dessa arte, focando sua importância e padronizando seu ensino acerca de apresentações para datas comemorativas, e danças direcionadas pela mídia. A escola é uma alternativa possível para explorar toda a expressividade e os valores corporais de forma crítica, transformando nossos alunos em pessoas mais ativas e sensíveis, é um ambiente propício para educar, através da criação e do (re) criar, tendo em vista que, cada aluno traz consigo suas memórias corporais, de tudo que vivenciou corporalmente em sua trajetória, isso não pode ser esquecido, nem deixado de lado, o professor pode e deve trabalhar com propostas que tragam à tona essas memórias, essas experiências. A dança na escola vai além de passos codificados, prontos, em razão de que estaremos nos integrando com a diversidade humana, Isabel Marques (2010) faz um alerta em relação aos professores que atuam de forma pacífica diante do caos ao qual vivemos, a qualidade da dança que a mídia nos apresenta é algo que cabe na escola? O que liga a dança à educação? É necessária uma reflexão para gerar práticas condizentes com a realidade do mundo moderno no ambiente escolar sem perder a característica pedagógica, precisamos encontrar o caminho que une a dança e a educação. Estamos em um período histórico onde sentimos a necessidade de transformar os papéis tradicionalmente estabelecidos, não queremos mais alunos com função de cumprir papéis como ouvir, seguir ordens, memorizar passos e nem professores que apenas sistematizam técnicas. Nesse momento esperamos que o professor seja capaz de estabelecer diálogos com seus alunos, que saiba problematizar a arte para construir uma rede de conhecimentos significativa, que instrua a sociedade em geral a apreciar, experimentar e consumir a dança, nesse sentido o professor é aquele que irá propor a dança e não apenas apresentar essa arte aos seus alunos privando-os do despertar crítico da criatividade. É possível utilizar a dança de forma crítica na escola, é possível utilizar-se de técnicas diversificadas levando o aluno a transformar e recriar seus movimentos, a repensar, a desenvolver todo o potencial criativo que possui, podemos nos elaborar com a técnica ao invés de apenas ensiná-la. Salvador (2013) defende o movimento expressivo na escola, favorável para proporcionar uma base de experiências corporais para o aluno, envolvendo o corpo e movimento de forma clara e objetiva, já que mesmo diante do mundo tecnológico em que vivemos, ainda nos manifestamos e relacionamos através do nosso corpo, o aluno precisa compreender



e vivenciar o movimento expressivo sem esperar um resultado pré-estabelecido, percebendo o corpo, partindo para a diminuição de gastos desnecessários de energia ao movimentar-se, através do conhecimento de seus limites e possibilidades de movimentações corporais, atingindo assim a consciência corporal, podendo utilizar-se das técnicas de danças diversificadas, sem, no entanto, privilegiar nenhuma técnica ou gênero. As aulas de dança na escola devem utilizar o corpo como elemento central, mas, é comum verificarmos que a proposta dessas aulas são sempre voltadas para apresentação em datas comemorativas, ou seja para o produto final, sem a preocupação de quais habilidades, capacidades e competências os alunos estão desenvolvendo, o professor deve garantir aos alunos o contato com estudos sobre os estudiosos que transformaram a maneira de pensar a dança (falaremos sobre eles no decorrer desse capítulo), através dos mesmos fomos nos remetendo a repensar e inserir a dança na educação formal, estimulando o domínio e o conhecimento do movimento, o aluno deve ser capaz de repensar sobre as aplicações e sobre a lógica da construção do movimento com a intenção de superar a dicotomia entre o pensar e o agir, direcionar o aluno a ter suas capacidades disponíveis de forma que possa atribuir para suas necessidades diárias.

Isabel Marques (2010) ao estudar o educador Paulo Freire, define que o ensino da dança necessita ser baseado em uma educação consciente, crítica e transformadora, onde o conhecimento vai sendo construído entre professor e aluno adquirindo a capacidade de transformar a realidade, baseada na época em que vivemos, início do século XXI, para isso é necessário que o professor esteja disposto a incentivar e a realizar estudos, pesquisas e se dispor à formação permanente, concerne ao professor a socialização do conhecimento historicamente acumulado, dar acesso as novas gerações ao saber, os alunos ao entrarem em contato com esse conhecimento devem se sentir capazes de reelabora-lo e coloca-los a serviço de suas necessidades sociais, compreendemos também que para isso é necessário que se ofereça aos professores condições de capacitação, apesar disso, não entramos nessa temática em nossa pesquisa. A dança como ação pedagógica deve respeitar os limites, nível de envolvimento e o ritmo de cada aluno, trabalhando o corpo, o sensível e o cognitivo concomitantemente, desenvolvendo essas competências saberemos



que estamos avançando para uma boa educação através da dança, retomando ao direito à aprendizagem e não apenas a formação. O professor através dessa arte torna possível uma relação mais humanizada com os seus alunos, pois, o contato através do movimento o auxilia a perceber através de um olhar sensível, a expressão corporal de cada aluno em sua individualidade, podendo sentir suas inquietações e alegrias, propiciando uma intervenção positiva na vida social do aluno. Não há como ensinar a dança apenas pelo fato de se dançar bem, a teoria e a prática devem dialogar, o professor tem o ofício de ensinar despertando uma intencionalidade pedagógica também da parte do aluno, estabelecendo relações conscientes, éticas e críticas entre meios de produção, indivíduos, organização política e manifestações culturais, provocando relações entre dança, professor e aluno.

Salvador (2013), cita René Descartes com o pensamento do racionalismo, onde o corpo material não possui ligação com o corpo pensante, consolidando mundialmente o corpo como secundário nas relações cognitivas e sensíveis da humanidade, no mesmo período surge o ballet clássico onde existia um domínio do bailarino sobre o seu corpo, essa dança, Ballet clássico, reinou por mais de duzentos anos e mesmo diante de tantas transformações na história da dança ainda é muito presente nos dias atuais. No que diz respeito Chaves acrescenta:

Por um longo período da nossa história, o racionalismo humano colocou o corpo na *cruz, na fogueira, nos porões, na condição de escravo, de feio, de pecado, de imoral, instrumento/veículo/abrigo* da alma imortal. A concepção do mundo ocidental, de que a alma habita o corpo, mas não é o corpo. O corpo morre, perece, a alma é plena e ganha os céus, ainda nos acompanha até os dias atuais. O velho paradigma que ainda cobre as subjetividades ocidentais. Um dualismo, que separa o corpo da mente, na tentativa de afirmar a superioridade da mente, da alma, do espírito. No entanto, o inteligível se apresenta nas ações corporais e, nesse sentido, o sensível e o inteligível habitam o mesmo corpo, misturam-se e se confundem formando um *todo* que se integra. (CHAVES, Virginia. DICOTOMIA CORPO E MENTE. Pag.74).

Percebendo que ainda vivemos uma dicotomia de corpo e alma, intelecto e movimento no ambiente escolar e na sociedade em geral, sendo geralmente o corpo e o movimento desprezados, a dança é vulgarmente relegada ao segundo plano. Há



uma grande dificuldade em quebrar esse paradigma, já que os professores muitas vezes encontram-se anestesiados corporalmente e acabam reproduzindo essa atitude no corpo de seus alunos, são poucos os profissionais que buscam uma formação continuada e a estrutura da formação superior está precária, o capital está acima de uma educação de qualidade, mas esse fato exige estudos mais profundos e não iremos esmiuçar sobre esse assunto. Salvador (2013) relata que somente no final do século XIX é que estudiosos do corpo, filósofos e médicos iniciaram uma proposta de união de corpo e mente e a dança começou a receber uma nova proposta, Isadora Duncan foi pioneira na Dança Moderna, dançando os sons da natureza e integrando-se a ela, falaremos sobre ela mais adiante. Nesse período o mundo enfrentava a primeira grande guerra e a dança acompanhou esse momento histórico deixando de pensar em corpos irrealis, a dança deixou de pensar em princesas irrealis e inatingíveis, houve mudança no figurino e na forma de expressar. De acordo com a autora um estudioso muito importante para as pesquisas acerca do movimento é Rudolph Laban que contribuiu para modificar a maneira de pensar a dança, nos remetendo a repensar e inserir a dança na educação formal, estimulando o domínio e o conhecimento do movimento, inicia-se os primeiros passos da dança com função pedagógica, aprofundaremos mais a frente sobre Laban. Os estudos sobre a dança progrediram juntamente aos estudos sobre o corpo.

Acompanhando as inquietações da humanidade a dança também foi se transformando e juntamente à dança contemporânea foram surgindo estudos sobre o corpo e o movimento, e até os dias atuais são utilizados e reutilizados proporcionando maneiras diversas de ver, sentir e praticar a dança, trazendo um novo olhar para o ensino da mesma na escola. O corpo contemporâneo possui infinitas possibilidades de expressão, de movimento, está sempre se resignificando, tornando-se um corpo disponível, capaz de dialogar com outras áreas de estudo, o movimento do corpo que não nega nada, todas as experiências corporais são bem-vindas na dança contemporânea, portanto, qualquer estrutura corporal independente de raça, cor ou idade podem dançar, assim a dança entra na escola, sem fazer distinções entre os indivíduos, com a intenção de experiências e consciência corporais.

A dança na modernidade



A sociedade moderna não considera importante os saberes sensíveis e nas escolas as crianças estão aprendendo a não dar importância a esses saberes, sendo privilegiado apenas o que Duarte Junior chama de “razão pura”, o conhecimento centrado na razão pura despreza o sentido e sentimentos humanos, sem nos darmos conta de que o sensível está relacionado a capacidade humana de organizar tudo o que vivencia e aprende de modo consciente, transformando em conhecimento tudo o que se sente através do corpo, é válido lembrar que os nossos antepassados “homens das cavernas” utilizavam o corpo e a sensibilidade para realizarem todas as suas tarefas, além de se comunicarem através das expressões corporais, os símbolos e desenhos encontrados da referida época relatam bem esse poder de sensibilidade corporal aos sentidos, analisando bem, podemos perceber que os sentidos são inconscientes, quando “suamos frio” por medo ou por paixão por exemplo, temos a opção de racionalizar esse sentimento através de ações escolhidas por nós, portanto, a “razão pura” da sociedade moderna perpassa pelos saberes sensíveis.

O saber sensível deve ser bem-vindo na escola por ser aquilo que está incorporado em cada um de nós, por fazer parte dos nossos sentidos, a sensibilidade e o corpo fazem parte da nossa essência, a dança exala o poder sensível do ser humano através do movimento corporal, essa sensibilidade se humaniza no mundo e se manifesta através do corpo, podemos dizer que na Era tecnológica de razão pura e pessoas alienadas a produtividade a dança pode emancipar o corpo. O que as pessoas têm feito em seus tempos livres? Aquele tempo reivindicado na Revolução Industrial? As pessoas estão usando o tempo livre para trabalhar e ter um ganho de capital maior, ficando sem tempo para as coisas sensíveis, para a família, para os filhos, para atividades físicas ou de recreação e lazer, não é à toa que o stress é o mau do século. A falta do sensível e a extrema valorização do capital tem nos mostrado nas capas dos jornais, homens matando suas esposas, filhos e tirando a própria vida pelo simples fato de perderem o emprego, exatamente isso, somente porque foram demitidos, o trabalho e o ganho eram tudo o que tinham para oferecer as suas famílias e na falta dele se sentiram inúteis para continuarem sendo o alicerce das mesmas. A razão deve estar conectada com o sensível, quando privilegiamos uma das partes é muito provável que teremos problemas. No início da modernidade



II SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA - NECESSIDADES FORMATIVAS NAS/DAS LICENCIATURAS

Dourados-MS, de 12 a 14 de junho de 2017.

surgiu uma nova forma de instrução e o personagem principal é o homem “clérigo”, sobrevivendo um novo significado para a palavra, afastando-a do sentido “clérigo” de igreja e a associando à ideia de “clérigo” intelectual, nesse momento histórico a classe burguesa passa a fazer parte da classe dominante e os mestres livres vão ajudarão a mudar os conteúdos de ensino, com a peculiaridade da relação burguesa, marcada pelo mercantilismo, modificando a crença da gratuidade dos dons de Deus pela venalidade da ciência. A modernidade possui a necessidade de um “fazer” produtivo, embora não manual, onde até mesmo a preparação escolástica possui cunho comercial, onde os mestres vendem sua ciência, restabelecendo e inovando os métodos de ensino. Alguns mestres livres foram perseguidos como forma de resistência dos que eram a favor da escola tradicional, pois, consideravam que o humanismo corrompia a moral. A pedagogia humanística contribuiu para a exclusão das agressões e punições corporais, rejeitando a forma tradicional de ensino, recorrendo ao ensino dos livros, mas também, da música, dos exercícios físicos e da arte, no entanto, os burgueses desprezam as culturas em defesa do comércio e com o progresso da civilização às diversões culturais é dedicada grande importância, sendo a dança uma delas. Na fase Renascentista (século XV/XVI) projeta-se uma sociedade nova, com ascendente desenvolvimento econômico e social, passa-se a desenvolver um novo modo de produção, o capitalismo. Passa-se novamente a pensar sobre quem é designado ao domínio e quem é designado a produção. Assim vem caminhando a humanidade, hoje nossos alunos são designados apenas ao tecnicismo, à produção, o sensível parece não caber mais nas escolas, o estudo está se afunilando cada vez mais e formam-se especialistas exclusivos de determinado segmento.

... a constituição desse tipo de razão tão cara ao especialista, que alguns filósofos (como Heidegger e Adorno) já denominaram de “razão calculante” ou “razão instrumental”. Isto é: uma forma extremada de atuação de nossa faculdade intelectual que, feito munida de antolhos, nesse caso focaliza apenas fenômenos pontuais, desconectados da realidade em volta e da vida humana. Uma razão que se quer “pura”, que se pretende não contaminada por tudo aquilo que o cientista acredita consistir em “tropeços no caminho do conhecimento”, feito os valores e a nossa dimensão sensível. No entanto, segundo Gilberto de



Mello Kujawski⁷, “a razão pura não foi feita para entender a vida”. Para tanto, faz-se necessário algo mais: a contribuição daqueles saberes ampliados, oriundos, inelutavelmente, de nossa sensibilidade maior. João Francisco Duarte Júnior. O SENTIDO DOS SENTIDOS: A EDUCAÇÃO (DO) SENSÍVEL. 2000, pg 17.

A Dança Moderna surgiu em meados do Século XIX como uma forma de negação ao Ballet clássico, ao corpo com fortes aspectos de rigor acadêmico. A Dança Moderna contesta o “tutu”, as sapatilhas de ponta e toda a envolvente expressão artística de movimento corporal da Dança Clássica. Diante do contexto histórico ao qual é gerada, um período de intensa agitação política, o mundo sendo governado por máquinas, o homem em busca de novas relações sociais e pessoais, ela surge como uma reinauguração do corpo que dança, buscando atingir à alma, as emoções, buscando causar fruição aos espectadores e dançarinos. Negando também a ideologia de Rene Descartes, que acreditava na dicotomia entre o corpo e a mente, separando o emocional do racional, na dança essa relação é indissociável, ela age como um sistema no qual as ações são simultâneas e interagem no mesmo espaço. Os criadores da dança moderna se pautavam em relações sociais, problemas raciais, domésticos, nas relações entre os homens e Deus, nos impulsos sexuais, nas questões relacionadas a democracia, como também em suas autobiografias, toda essa temática pode ser abrangida de diversas formas, trágica, cômica, satírica ou abstrata.

Antes da Segunda Guerra Mundial, a dança moderna se desenvolveu principalmente nos Estados Unidos e na Alemanha. No grande país americano, esse desenvolvimento se deu principalmente pela falta de uma tradição clássica, enquanto na Alemanha o movimento surgiu em virtude do alto grau de intelectualidade que permeou todas as manifestações artísticas nas décadas de 20 e 30, inclusive a permanente tentativa do gênio alemão de manter suas características próprias e evitar ao máximo as influências externas (FARO, 1986, p. 121).

É de extrema importância destacar alguns nomes que fizeram a história dessa dança. Isadora Duncan, nascida em 1878, na cidade de São Francisco, Califórnia, trouxe uma nova concepção de dança, uma expressão revolucionária, negou as



sapatilhas de ponta e dançou descalço, negou os tutus e utilizou apenas uma túnica, usou seus cabelos soltos, Isadora adquiriu fortes influências da natureza e dessa forma revolucionou essa arte, não é somente uma nova técnica de dança, mas sim uma concepção de vida, uma forma de protesto, fugindo de tudo o que considerava artificial. Segundo Portinari, com sua forma livre de dançar sempre foi bem recebida na Europa, porém, nos Estados Unidos, onde nasceu, foi sempre motivo de escândalo. De acordo com Portinari (1989, p. 138), ao improvisar sobre a Marselhesa no palco do Metropolitan, em Nova York, ela foi considerada uma ameaça à ordem pública.

Os pioneiros da Dança Moderna nos apresentaram uma arte amadurecida, pois, a maioria de seus representantes estava na meia idade quando despontaram, mais precisamente na década de 20, exemplos como Graham, Wigman e Von Laban.

De acordo com Portinari, Rudolf Von Laban foi um teórico do movimento corporal, contribuiu para a relação dos movimentos com o corpo e com o espaço, embora imbuído dos princípios de Delsarte e Dalcroze, não pretendia sugerir ritmos e muito menos propor figuras como o balé clássico, sua pretensão era poder dar forma as emoções através do movimento corporal. Ele foi um grande esclarecedor da Dança Moderna, sistematizando e analisando essa dança, dando forma até ser capaz de ser lecionada em academias.

Em seu livro "Dança Educativa moderna", ele nos instiga a pensar a dança a partir do conhecimento consciente do movimento, ou seja, do conhecimento do princípio do movimento. Segundo ele, ao invés de estudar cada movimento específico, podemos compreender e praticar o princípio que o rege. Esse enfoque da matéria da dança implica uma nova concepção da mesma, ou seja, o movimento e os elementos que o compõe.

A partir desse princípio, Laban propõe a divisão do trabalho da dança por faixas etárias (idade), aplicando assim, os princípios da psicomotricidade na metodologia do ensino da dança. (SALVADOR, 2013, p. 44).

Nesse momento a dança abre uma via para a educação, através de uma organização metodológica definida, podendo ser utilizada pelo educador na escola, já



que não existe mais um corpo e nem idade específica para a dança, sendo essa uma forma de exteriorizar sentimentos e ter consciência de movimento corporal, pode e deve fazer parte do ensino formal. Os estudos de Laban que tiveram início no século XX nos remetem a uma proposta de investigar, criar e propor movimento, por não ser uma técnica específica de dança pode ser usado para diversos segmentos de trabalho e expressão corporal, como por exemplo utilizar as nossas ações de movimentos refletindo sobre elas, correr, saltar, caminhar, podemos praticar essas ações utilizando diferentes esforços e assim elas se tornam novos movimentos a cada junção feita. Os estudos de Laban foram pioneiros para inserir a dança na escola, para ele a razão, os pensamentos não podem ser dissociados do corpo, o corpo é unificado a mente e ao espírito, pois, sentimos primeiro com a nossa estrutura corporal, tudo passa por ela, sendo o movimento uma forma de educar, através das inúmeras possibilidades de aplicação dos estudos de Laban, permitindo que a pessoa use de toda sua criatividade no processo educativo, podendo ser executada por pessoas de diversa faixas etárias e composição corporal, o movimento é indiferente as nossas diferenças, portanto, a forma de se empregar o movimento passa a ser pertinente ao ambiente escolar. O autor nos apresenta dezesseis “temas de movimento” que são elementos básicos de sua Arte de Movimento, servem de alicerce para criações possibilitando infinitas formas de movimentação e criação.

A dança fez parte da cultura dos povos e foi importante para as transformações da sociedade, Portinari (1989) menciona que para os Gregos, por exemplo, a dança sempre fez parte de rituais religiosos, posteriormente se integrou a manifestações teatrais, eles acreditavam na capacidade de transformação da dança, inclusive na educação, acreditavam que a perfeição consistia na harmonia entre corpo e espírito, veneravam o corpo esbelto e para conquistá-lo, era necessário praticar esporte e dança. Portinari (1989) acrescenta que há relatos descritos por discípulos de Sócrates (c.469-399 A.C.) que o mesmo disse, que os melhores homens para a guerra eram aqueles que sabiam dançar.

É visível a necessidade e urgência em se projetar uma nova pedagogia do ensino da dança nas escolas, que leve a conscientização do corpo, da alteridade, da descoberta de novas movimentações. A história nos revela que o corpo já foi muito



castigado, considerado fonte de pecado e sem significância diante do intelecto, a dança necessita desse corpo, devido a isso, houve uma época da história em que a dança também foi banalizada. Esses resquícios da história nos remetem a anestesiarmos nossos corpos e dos nossos alunos. Mas a dança já percorreu muitos caminhos e nos dias atuais precisamos redefini-la na escola para o melhor entendimento das crianças. Estamos cada vez mais atrofiados, Bégart, de acordo com Garaudy, ainda se refere a dicotomia em que vivemos, “aqui o espírito, lá o corpo, mais adiante o sexo, do outro lado o coração”, o que gera uma verdadeira perturbação e malefícios para a vida do ser humano. A dança é de extrema importância na escola, pois, está enraizada em todas as experiências vitais da sociedade e dos indivíduos: as do amor e da morte, das guerras e das religiões (Garaudy, 1980).

Para Márcia Strazzacappa (2001) o professor vai estar inteiramente conectado com o corpo de seu aluno, dessa forma deverá ter discernimento para compreender que toda a experiência do educando irá ser desenvolvida com e através de seu corpo, através de suas palavras podemos compreender melhor essa questão de corporeidade.

Fica claro que a questão da educação corporal não é de responsabilidade exclusiva das aulas de educação física, nem de dança ou de expressão corporal. O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar, servir ou não de modelo... De uma forma ou de outra, estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não-movimento – educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando. (STRAZZACAPPA, 2001, p.79).

Quando não há uma educação para o movimento, podemos colocar em risco até mesmo a saúde de nossos alunos, nos dias atuais em que somos dependentes do carro, da internet e do controle remoto, ouvimos diariamente pessoas relatarem que o seu médico receitou atividade física regularmente. Com tantos artifícios para



não nos movimentarmos que a modernidade nos proporciona, o movimento precisa fazer parte da educação, tendo em vista que já não faz parte da rotina diária das pessoas em geral.

Em 1997, a dança passou a fazer parte dos Parâmetros Curriculares nacionais (PCNs) passando assim a ter notório reconhecimento em âmbito nacional. Porém, percebemos a falta de habilidade dos profissionais em trabalhar essa arte dentro da escola, afinal, quem deve ensinar a dança? O que ainda é motivo de grandes discussões. Podemos notar que a dança na escola está inteiramente ligada a datas comemorativas apenas. Afinal a dança foi negada por séculos. Aqueles que aprenderam a didática tradicional ainda se assustam em receber a dança na escola de forma pedagógica.

A Arte, frequentemente associada ao trabalho manual, foi também associada à condição de “escrava”. Não é de se admirar, portanto, que uma arte como a da dança, que trabalha direta e primordialmente com o corpo, tenha sido durante séculos “presa nos porões e escondida nas senzalas”: foi banida do convívio de outras disciplinas na escola, ou, então, atrelada ao tronco e chicoteada, até que alguma alma boa pudesse convencer o “feitor” de sua “inocência” (Marques, Isabel A. 2007, p.18).

Isabel Marques (2007) afirma que o ensino da dança na escola vai além de reproduzir ou coreografar, é necessário assumir uma postura crítica em relação ao ensino da dança, perpassando por conteúdos amplos e complexos. Ainda existem ideias preconceituosas em relação a dança, que estão presentes nas atitudes e comportamentos da nossa sociedade o que dificulta o seu ensino dentro da escola.

Para Isabel Marques (2008) a escola tradicional é responsável pelo “encaixotamento” da dança, pois, impedem que a mesma seja ensinada de forma criativa e dinâmica, impondo-lhe moldes de criação e de desenvolvimento. A mesma autora refere-se a Laban como o criador do termo “dança educativa”, como forma de rejeição à técnica rígida e mecânica. Para ele, a criança e o adolescente deveriam ter a possibilidade de explorar, conhecer, sentir e expressar sua subjetividade enquanto dançavam, como defendiam os dançarinos modernos de seu tempo.



A “dança criativa” ou “educativa” estudada e proposta por Laban, não exige um corpo específico para sua prática, ela se justifica pela busca de um ser *integral, completo, total*, pela busca por si mesmo, pelo autoconhecimento, podendo ser trabalhada através da dança na escola a personalidade do aluno, uma dança que permita ao aluno descobrir seu vocabulário pessoal de movimento. Cada corpo traz consigo suas memórias, que podem ser utilizadas na “dança criativa”, pois ela não exige uma técnica específica, através da experimentação podemos ampliar e descobrir novos movimentos. Essa dança educativa desenvolve uma perspectiva de dança centrada no aluno, voltada para um trabalho corporal consciente, onde os aspectos físicos, químicos, biológicos, emocionais e intelectuais são parte de um só corpo. Isto posto, expõe, como podemos observar, que a Dança Moderna conduz em sua história um modo de encontrar o caminho da dança na educação.

Retomando o diálogo de Isabel Marques com os estudos de Paulo Freire, percebemos que a autora sugere uma relação da dança com a educação e não apenas contatos, a dança possui a capacidade de argumentar, de questionar, de criticar, pelo e através do corpo, portanto, na escola as metodologias utilizadas não estão contemplando todo o potencial transformador dessa arte, Marques ainda justifica que ações sociais como passeatas, abaixo-assinados, greve e outros são formas de tentar transformar a realidade a qual se vive, através do corpo a dança também possui esse potencial crítico e transformador como arte. Essa é a grande busca da dança, tecer relações com a educação e a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, D. **Dança... Ensino, sentidos e possibilidades na escola.** São Paulo: Autores associados, 2004.

BRASIL b, **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física /Secretaria de educação Fundamental.** Brasília: MEC/ SEF, 1997.

JUNIOR, JOÃO FRANCISCO DUARTE. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Universidade Estadual de Campinas, 2000.



- FARO, ANTONIO JOSÉ. **Pequena história da dança**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- GARAUDY, ROGER. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- MARQUES, ISABEL. **Dançando na escola**. In: Revista Motriz, v.3, n.1, jun.1997. Revisado em 2002.
- MARQUES, ISABEL A. **Dançando na escola**. São Paulo, Cortez, 2007.
- MARQUES, ISABEL A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo, Cortez, 2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo, Perspectiva, 1999.
- PORTINARI, MARIBEL. **História da dança**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.
- SALVADOR, GABRIELA DI DONATO. **Histórias e propostas do corpo em movimento: um olhar para a dança na educação**. Guarapuava, Unicentro, 2013.
- STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Cadernos CEDES, Campinas, SP, Cedes, n 53, p. 69-83, 2001.
- VERDERI, ÉRICA. **Dança na escola: uma proposta pedagógica**. São Paulo: Editora Phorte, 2009.